

## Instituto Socioambiental

fonte: 15TO E class.: AAGROOO 3

data: \_21/12/94 pg.: \_50-52/

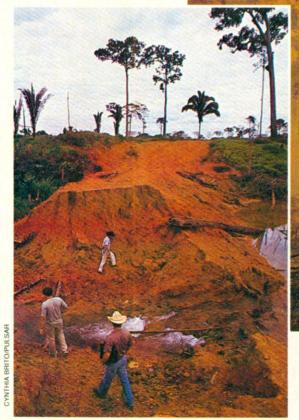
ECOLOGIA

## Papo de gringo

Cientistas americanos prevêem o colapso da agricultura da Amazônia

em o mais fanático ecologista, em seus sonhos delirantes de preservação ambiental, foi capaz de defender o fim da agricultura na Amazônia. Mas a ciência pode decretar o sinal vermelho na terra do verde. O milagre agrícola amazônico, que transformou o Estado de Rondônia num dos maiores produtores de grãos do País, é uma bomba-relógio, afirmam cientistas do Centro de Pesquisas Woods Hole, de Massachusetts (EUA). Eles comprovaram que a agricultura na região provoca a esterilidade do solo. A equipe de dez pesquisadores, liderada pelo biólogo Daniel Nepstad, 37 anos, detectou uma quantidade impressionante de nutrientes enterrada no subsolo s amazônico. "O estoque de material orgânico depositado entre um e oito metros de profundidade é superior à massa total da floresta. Apenas árvores com longas raízes podem se abastecer dessa riqueza", disse Nepstad a ISTOÉ. Quando se transforma a floresta em pastagem ou área de cultivo, o capim, o arroz, o feijão, a soja e o milho não conseguem sugar os recursos hídricos e fertilizantes do subsolo, pois suas raízes são pequenas, com menos de um metro. A lavoura consome rapidamente a umidade e o fosfato da superfície, tornando o solo estéril.

Técnicos da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) concordam com o diagnóstico, mas ainda vêem saídas para a região. "Existem inúmeras espécies nativas que podem ser cultivadas sem nenhum problema", afirma o agrônomo Alfredo Homma, 47 anos. "O Pará possui a maior área plantada de palmeiras de dendê do País, além de 100 mil hectares de cacau", diz. O otimismo não convence os pesquisadores de Massachusetts. "As plantas que podem ser cultivadas na região se resumem às da flora local. O problema é que essas espécies são, em sua maioria, árvores e não possuem nenhum valor agrícola", atesta Nepstad, que também é professor visitante da Universidade Estadual de Campinas (SP). De acordo com um artigo publicado pelo grupo do biólogo na quinta-feira 15, na conceitua-



Desmatamento e queimada em Rondônia: milagre agrícola no curto prazo pode ser seguido pela ruína econômica

da revista científica britânica *Nature*, 36% da Amazônia brasileira é totalmente imprópria à agricultura. Isso equivale a 1,8 milhão de quilômetros quadrados espalhados pelos Estados do Acre, Amazonas, Mato Grosso, Pará e Rondônia. "O trágico é que essa região, rasgada pelas rodovias Belém—Brasília e Cuiabá—Porto Velho, coincide com as áreas de expansão agrícola, onde a devastação tem sido

Nepstad. Mais de 600 mil pequenos produtores estão assentados na região, cultivando em média três hectares. Quando a fertilidade do solo se esgota, após três anos de plantio, eles precisam desmatar novas áreas para poder sobrevi-

maior nos últimos anos", adverte

ver. A demanda por novas terras alcança 600 mil hectares por ano. Homma, da Embrapa, garante que a área já desmatada é

suficiente para fornecer alimentos aos 16 milhões de habitantes da região Norte – 61% dos quais vivem em centros urbanos. "O essencial

é que o governo possibilite aos milhares de colonos o acesso à mecanização e aos fertilizantes. Caso contrário, em dez anos os agricultores terão que abandonar suas terras e se lançar a uma nova onda de queimadas", conclui o agrônomo.

Para os cientistas americanos, porém, o tempo é muito mais curto. Eles lembram que a vegetação da Amazônia oriental e



Cientistas americanos garantem que plantar em parte da Amazônia/esteriliza o solo

Floresta de várzea

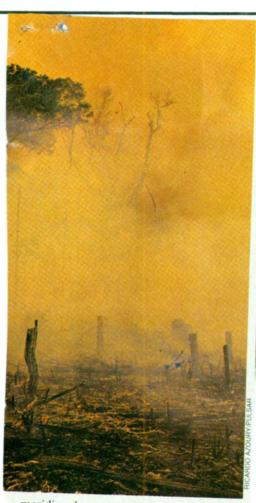
Floresta não alagável, que sobrevive na seca, usada na agricultura

Cerrado



## Instituto Socioambiental

fonte: 1570 E class.: AA6R003



meridional quase nunca é banhada pelas chuvas entre os meses de abril e novembro. Apesar da seca, a floresta sobrevive sempre verde devido à adaptação da sua flora, que desenvolveu longas raízes para sugar a água depositada no subsolo, a mais de oito metros de profundidade. Os pesquisadores catalogaram dezenas de espécies com longos sistemas de raízes. "Não são apenas as grandes árvores, como o mogno e a castanheira, mas também cipós e palmeiras", afirma Nepstad.

O alerta sobre a bomba-relógio que ameaça a agricultura na Amazônia é fruto de um trabalho de dez anos, desenvolvido no sul do Pará, onde chove 2.200 milímetros por ano. As projeções, porém, são válidas para áreas que abrangem do Acre ao Mato Grosso. "Nos três meses mais secos, no entanto, a média é de apenas 45 milímetros. Nesse período, as grandes raízes puxam até 400 milímetros de água do subsolo", diz Nepstad. "Como o solo da região é pobre e ácido, na estação seca as árvores bombeiam para a superfície não apenas água, mas também nutrientes." Segundo a Embrapa, 4,9 milhões de hectares de mata amazônica já foram derrubados área igual a dois Estados do Paraná. Com a implantação da agricultura, a água do solo superficial vem sendo consumida. "O maior risco agora é evitar os incêndios florestais, que não acontecem na mata fechada por conta da umidade do solo", conclui Nepstad.

ISTOÉ/1316-21/12/94